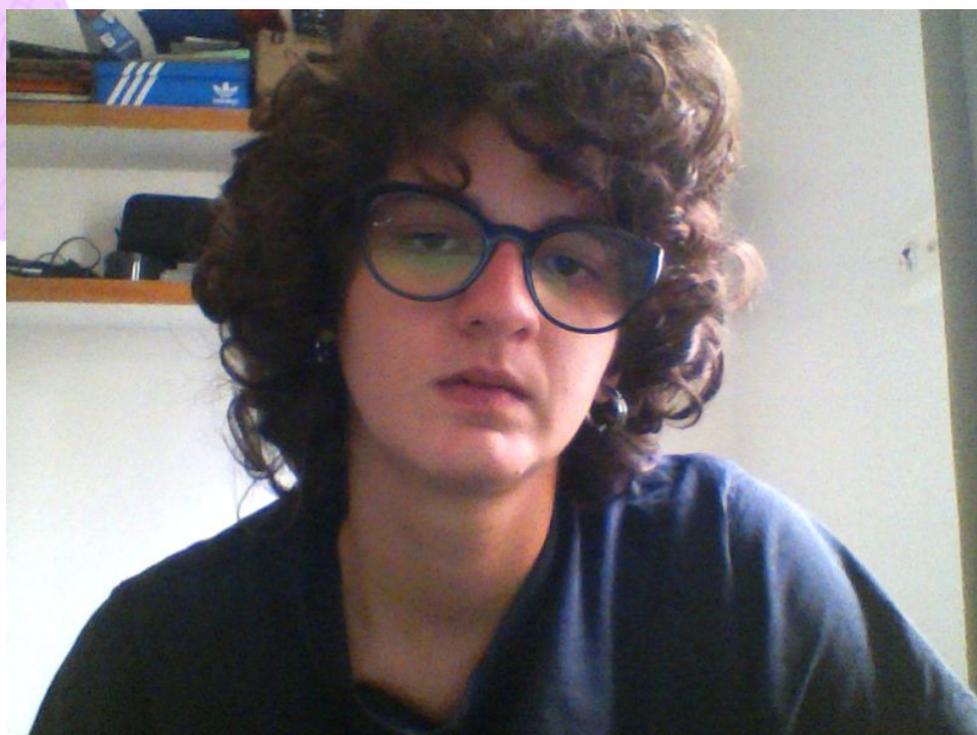


ENTREVISTA

Born to Ahazar

Entrevista com a artista visual Bia Leite

Diego Paleólogo¹
Vinícios Ribeiro²



Bia Leite é a artista que nos cedeu a imagem da capa deste número da REBEH. Ela é Bacharel em Artes Plásticas na Universidade de Brasília. Concentra os estudos em pintura, gravura, desenho e cinema; a colagem é o que guia o processo criativo, abordando temas como a violência, o conflito, o cotidiano, o amor, questionamentos sobre gênero e sexualidade e a força da família tlgbqi+. A música aparece nos trabalhos como trilha de imagens metafóricas da ficção, as séries de pintura podem levar nomes de filme, álbum de música, blog, meme de reality show de drag

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós doutorando em Comunicação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: diego.paleologo@gmail.com

² Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Escola de Belas Artes da UFRJ. Email: vrkabral@eba.ufrj.br

queen do Ceará, são pensados links entre o texto das composições e as imagens apropriadas do mundo pop.

1) A partir de perspectivas genealógicas, criança e infância são invenções, fabricações, relativamente recentes; o enquadramento dessas categorias dentro de um regime específico de sexualidade e heteronorma branca_cis_capitalista faz parte de todo um processo pedagógico pautado por diversas formas de coerção e violências.

Sua obra, a partir do Tumblr de Iran Giusti, deseja, entre outros, evocar visibilidade e respeito para infâncias que escapam desses dispositivos. Realiza, também, uma espécie de dobra temporal ao utilizar imagens do passado para curar o presente. Você poderia comentar sobre o processo de criação? A eleição das imagens, a estética.

A série BORN TO AHAZAR foi concebida na disciplina de Pintura 2, na UnB. Era pra fazer uma série de pinturas e na época o Tumblr do Iran tava bombando, eram imagens que eu sentia muito carinho, algo entre o maternal e uma identificação, eu me vejo nessas crianças e queria eleger elas pra estarem inclusas na História da Pintura e com muito humor, claro.

2)Você comenta, em uma entrevista, que a questão de já termos sido crianças incomoda. Podemos pensar sobre esse incômodo? O que uma criança viada ameaça?

Pessoas LGBTfobicas acreditam que nos tornamos LGBT, que quando éramos crianças éramos puras e essa pureza a heterocisgeneridade seila, quando descobrimos que sempre fomos quem nós somos hoje, percebemos que isso é uma mentira contada e que alguns de nós acredita por muito tempo. a criança lgbt ameaça esse conceito de que é uma opção, um desvio, e não nossa própria natureza.

3)O trecho do poema “Falo pela minha diferença” de Pedro Lemebel diz:

“Há tantas crianças que vão nascer com a asinha quebrada

E eu quero que voem, companheiro

Que sua revolução

Dê a eles um pedaço d'e céu vermelho

Para que possam voar

Como imagens – trabalhos de arte contemporânea em geral, se for esse o caso - podem curar e/ou interromper esse fluxo constante de violências e nos permitir voar?

Acredito que a arte tem o poder de alargar as portas da subjetividade de quem participa, como artista ou público. há uma troca de mundos interiores, um engrandecimento de perspectivas de mundo. Quando nos sentimos só e conhecemos algo que nos representa não nos sentimos mais tão sozinhos, seja no cinema, na música, na dança, literatura, pintura, etc.

4) Diante do contexto do seu trabalho – uma obra-de-arte, museu, exposições – como é possível estabelecer os diálogos com pessoas que não acessam esses espaços? Ou isso não é uma questão/preocupação? Proponho essa reflexão no sentido de imaginar a potência da obra enquanto dispositivo de produção de visibilidade: quem a vê? Quem acessa? Quais retornos/respostas você teve que considera interessante relatar?

Eu fiz as telas primeiramente só pra minha sala de aula, pra passar de semestre, mas muito feliz de retornar as imagens pro universo virtual que as imagens já habitavam. achava interessante elas terem esse tipo de circulação. Depois que elas começaram a ser expostas foram sendo em contextos diferentes, até que depois do boicote elas começaram a circular muito mais no ambiente da educação, em provas, aulas, material didático, trabalhos de final de curso, trabalhos acadêmicos e produções científicas.

5) Bem recente, no Outros fins que não a morte, você apresenta trechos e páginas de diário e comenta também do interesse na potência nas relações privada/pública. <https://outrosfins.cerealmelodia.com/Bia-Leite> “durante a pandemia somente o desenho”. Ficamos pensando, não exatamente que um trabalhe convoque o outro, mas nas tangências e nas possibilidades do desenho, do rascunho, como aberturas – para onde? Você comenta também do seu interesse sobre horror e cultura pop. Para mim, isso é muito instigante pois é a área sobre a qual me debruço e me

dedico (Diego). Nesse momento, observando sua produção, me (a)parece nítido um fio que cruza, conduz, esses lugares: infância viada, público/privado, horror (medo como prazer estético, ressignificação de traumas, sobrevivência), desenho como estratégia? Gostaria de comentar sobre?

Eu gosto muito de desenhar, fazia muito em sala de aula, em palestras também, me ajuda a me concentrar no que to ouvindo. Depois que me formei procuro desenhar nos meus próprios momentos, sem precisar estar em nenhum lugar ou ocasião especial para isso, sem cerimônia. As imagens que coleciono pra desenhar são de um interesse estético em contrastes, de cor, de conceito. Como normalmente é o processo de uma colagem, duas imagens de origens diferentes juntas, é como eles ficam no caderno, todos meio misturados com minhas anotações pessoais. Usar esse material íntimo como trabalho é muito desafiador, mas é o que faço então acho que faz parte da produção pictórica também, uma linguagem fala da outra.

6) Em uma entrevista para a BBC, um deputado brasileiro, eleito a partir do Movimento Brasil Livre (MBL), destacou que um dos motivos do boicote promovido era defender crianças que estavam sendo levadas pela escola “sem a anuências dos pais”. Como você percebeu o ataque à sua obra na exposição “Queermuseu”? Repetindo a pergunta de Paul Preciado: “quem protege a criança queer?”

O ataque às pinturas foi diretamente ligado ao pensamento homofóbico e transfóbico da extrema direita, que tentam esconder a realidade LGBT da esfera pública, entendendo a arte nesse lugar. Arte não é lugar para expor corpos fora do padrão hetero-cis, o que é inadmissível já que existimos também e temos o direito de nos reconhecer nesses espaços. Quem nos protege somos nós mesmos. Quando tive medo de ser agredida me sentia segura só quando envolva de amigos e sempre foi assim. Então nada novo.

7) Você poderia comentar um pouco sobre o seu percurso formativo em artes. Se possível, sua trajetória escolar, familiar e afetiva?



Eu estudei em um colégio que não tinha estímulo algum para as artes, a única aula que tinha da área era de literatura, era uma que eu tinha muito interesse sempre gostei muito de ler literatura e costume que mantive na faculdade de artes inclusive, sendo minhas principais referências para o trabalho final. Meus pais não são da área de artes, mas sempre gostaram muito de ouvir música e ver filmes, hoje refletindo sobre essa formação vejo que segui os gostos deles e misturei com as artes plásticas, que só fui me adentrar mais quando decidi ir pra UnB estudar lá. Não passei na prova de habilidade específica de primeira vez e pra segunda eu fiz curso de desenho e pintura, aí passei e fui morar em Brasília em 2010 aos 20 anos. Gosto da UnB pois fui capaz de unir meu interesse pelo cinema pegando matérias do curso de Audiovisual e meu interesse pela música nas festas da universidade, pude conhecer mais para meu trabalho também, foi muito importante a Universidade ser adepta ao sistema de cotas raciais também.

8) A série “NAOPARANAÓ” que compôs a exposição coletiva “Sempre Gay”, estabeleceu um diálogo com as canções de Pablo Vittar. Dizem que ela foi longe demais. A música “Felizmente Sigo Sapatona” reitera:

“Aceite, supere, entenda

Que essa é a nova era

Se joga, agora

Assuma o que você gosta [...] Agora é hora de ser feliz”

Seria uma era de fazermos justiça às crianças que fomos?

Penso muito nisso, se eu criança me encontrasse hoje o que eu acharia. Sinto que ia gostar muito e me reconhecer em mim mesma. os meus gostos mantidos, meu jeito igual.. Confuso, haha, mas nunca fui uma criança que fingisse ser quem não sou pra tentar agradar alguém, as vezes que fiz foi nitidamente desconfortável.

Recebido: 01/07/2020

Aceito: 01/08/2020